



O poder crítico da literatura em *Conversa comigo*, de Ricardo Ramos Filho

Alexandra Vieira de Almeida

No livro de crônicas *Conversa comigo* (Penalux, 2019), de Ricardo Ramos Filho, temos um escritor que busca por problematizações, observando o real com olhos críticos. Trazer o terreno do cotidiano e trivial para a análise linguística da crônica a partir da densidade dos problemas da vida, eis a grande chave mestra do viés literário deste autor admirável que apresenta um livro maduro e repleto de questões político-sociais e artísticas. No *E-Dicionário de termos literários*, organizado por Carlos Ceia, temos o verbete crônica analisado por Annabela Rita, que propõe: “Inicialmente, a crônica, mais geral ou mais popular, registrava acontecimentos históricos ou por ordem cronológica. Fonte mais directa e imediata de conhecimento histórico, comportava também fatos menos relevantes, informação secundária que a História moderna tenderá a elidir”. Dessa forma, temos um paradoxo em sua obra, que embasa o próprio teor da crônica mais substancial, ou seja, tornar fatos do dia a dia como algo de grande importância. Já tivemos o instigante livro do pensador italiano Nuccio Ordine com seu livro *A utilidade do inútil*. Criticando o teor mais pragmático e útil do que seria o poder do capital, o que tem uso comercial, Ordine fala de saberes, que seriam considerados inúteis para a estrutura dominante. Podemos pensar em nosso país, numa época em que temos o corte de verbas para universidades e colégios e o desinteresse pelo conhecimento crítico, levando-nos ao colapso do sistema educacional. Ricardo Ramos Filho faz de algo ordinário um movimento para a beleza das coisas mais significativas, revelando a relação entre o útil e o inútil. As ciências humanas, as artes, por exemplo, adquirem valor e podem ser sim úteis para a atitude crítica e reflexiva de toda a humanidade.

Mas pensar, proliferar os discursos, torná-los decifráveis para todos é o grande desafio deste escritor excepcional. Assim temos na epígrafe do seu livro o pensamento do filósofo Michel Foucault, afirmando o que temos dito anteriormente: “Mas, o que há enfim, de tão perigoso no fato das pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” Na crônica que abre o livro, “Conversa comigo”, temos o dom da narrativa, de contar histórias e segredos na vida cotidiana de cada um, pois a literatura é o melhor remédio para a solidão e o silêncio. O diálogo é aplaudido, é a busca da personagem desse texto. Dessa forma, encontramos, no interior do carro um casal, em que a mulher procura a palavra, a fala, a qualquer custo. O poder de comunicação é o

norte para ela. Dessa forma, começa a crônica no meio do silêncio no carro do casal: “Conversa comigo, diga alguma coisa”. A verbalização é necessária como um sopro de vida. Há a exploração do verbo, da palavra, como parte indispensável do viver. O filósofo Nietzsche já dizia sobre o horror ao vácuo. A esposa não tolera o nada, o que está à beira do abismo das palavras, busca o outro na sua comunicabilidade e preenchimento do caos interior. Só que o assunto particular e regional, o futebol de São Paulo, que o marido discute, ganha ares de importância universal, dando um grande gancho para se discutir sobre o social e a situação no país do futebol que valoriza o capital assim como em qualquer parte do mundo, um prazer então utilitário para a maioria. Só que o final da crônica é surpreendente, pois há uma interrupção da narrativa futebolística para a despedida do casal em seu tom amoroso.

Na crônica “Macaco-prego”, temos o hibridismo entre o intelectual e o sentimental, pois a presença da música nacional é marcante, fazendo do narrador-personagem, que é alguém inteligente, gostar de músicas sentimentalóides e cafonas: “...embora batalhe para ter um paladar estético um pouco mais evoluído, sou capaz de gostar com alguma liberdade de coisas não tão recomendáveis e certamente de gosto duvidoso”. O intelecto e o sentimentalismo são a ponte entre o pensar e o sentir. Isso não seria um equilíbrio do ser para que a intelectualidade não engesse o coração? É uma questão apresentada por essa crônica maravilhosa que nos instiga a partir de nosso dia a dia, de nossa relação com a realidade. Outro fator importante na obra deste cronista é a reflexão lírica, reunindo o criticismo e a poesia. Vejamos: “E a quase ausência de automóveis nas avenidas transmite uma impressão de profundidade inusitada.” Temos assim o casamento perfeito entre crítica social e a finura poética, a faca cortante que sangra e a delicadeza da flor perfumada. Nesta crônica, a partir do rádio que o narrador-personagem no carro escuta, temos a beleza de nossa terra, de nossa gente. O que é regional se torna grandioso e global, trazendo as questões e reflexões do cronista para o terreno da literatura. Encontramos essa grandiosidade do Nordeste através da escuta no rádio da nova faixa, Elba Ramalho: “O sotaque nordestino tem a capacidade de despertar memórias atávicas”. Vivenciamos também nos seus textos a mistura entre o urbano e a natureza, um canto à cidade refletida nas coisas naturais. Numa mesma crônica temos o peso filosófico do pensamento crítico e a leveza da poesia mais graciosa. No final do texto, um movimento de ilusão e desilusão, pois o narrador-



personagem se confunde ao ver um macaco-prego, sendo que na verdade ele é algo diferente. Temos na tradição oriental esse mistério de *maya*, a ilusão, pois podemos confundir a cobra com a corda. É uma visão desfocada, o quanto a percepção nos engana, os sentidos nos absorvem numa areia movediça, pois segundo o filósofo Platão, os sentidos nos enganam.

Na verdade, a grande personagem no seu livro é São Paulo, onde temos uma crônica no livro com este título. Temos um retrato dela, como numa fotografia revelada pelo narrador-personagem. O local lhe traz dúvida e ambiguidade, num misto de amor e ódio, de prazer e rejeição. No belíssimo prefácio do escritor Edmar Monteiro Filho, ele diz: “Ao longo das quarenta e quatro crônicas que compõem o livro, mesmo quando não é explicitamente mencionada, a cidade frequente a conversa fluida de Ricardo Ramos Filho”. O narrador-personagem vai dialogando com a cidade, ao mesmo tempo em que dialoga com o leitor. Temos, aqui, a cidade que acolhe, que violenta e agride. E para isto há um motor para suas lembranças da infância, um tempo em que não era assim como hoje. Uma espécie de idílio ou paraíso é posto no passado, com suas recordações, comparando o presente e o passado. As crianças com a tecnologia perdem o gosto pela natureza e pelas brincadeiras saudáveis. A necessidade delas é essa mesma tecnologia, fazendo-as respirar os computadores. Ricardo Ramos Filho vai descascando as camadas da cidade como uma pele, um tecido a serem descobertos e desvendados pela pena firme do cronista.

Alexandra Vieira de Almeida é escritora, poeta, ensaísta, professora e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Programação de Aniversário

Estão programados eventos, nos meses de setembro e outubro, em comemoração aos 30 anos do jornal em São Paulo, Piracicaba (SP) e Montes Claros (MG). Também circulará a edição especial comemorativa, nº 361, Ano XXX, setembro de 2019.

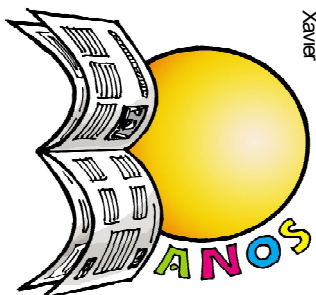
Em São Paulo, a solenidade será realizada no dia 20 de setembro, sexta-feira, das 19 às 22 horas, no auditório Vladimir Herzog do Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, Rua Rego Freitas, 530 - sobreloja, Vila Buarque, em São Paulo.

Em Piracicaba, o evento será realizado no Instituto Beatriz Algodal, no dia 28 de setembro, sábado, às 15 horas, Rua São José, 446. Será prestada homenagem a Adriano Nogueira, falecido em 2004, um dos fundadores do jornal. A programação abrigará o Sarau da Primavera aberto aos poetas presentes. O evento contará com apoio do Centro Literário de Piracicaba, Grupo Oficina Literária de Piracicaba, Academia Piracicabana de Letras e do Instituto Beatriz Algodal.

Os 30 anos do jornal também serão celebrados no Festival de Arte Contemporânea Psiu Poético, que será realizado de 4 a 12 de outubro, no Centro de Educação e Cultura Dr. Hermes de Paula, Praça Dr. Chaves, 32, em Montes Claros (MG).

O terceiro almoço de confraternização será realizado no dia 8 de agosto, quinta-feira, das 12h30 às 15 horas, no restaurante do Leques Brasil Hotel-Escola do Sinthoresp, Rua São Joaquim, 216 - 2º andar - esquina com Rua Taguá - estação metrô São Joaquim, em São Paulo. É por adesão, pago no local, ao preço de R\$ 34,77 mais 10% de taxa de serviço. Inclui saladas, pratos quentes, sobremesas, água, refrigerante e *buffet* italiano à vontade. Necessário confirmar presença pelo e-mail linguagemviva@linguagemviva.com.br ou pelo WhatsApp (11) 97358-6255

O segundo almoço, realizado no dia 11 de julho, contou com as presenças de Cláudio Feldman, Fábio Siqueira, Flora Figueiredo, Naia Venerando, Oswaldo de Camargo, Paulo Ulisses Dantas, Rosani, Roberto Scarano, Rui Ribeiro, Sonia Avalone, Tânia Feldman e Victor Emanuel Vilela Barbuy. Em setembro ainda não está definida a data do almoço.



Xavier

Linguagem Viva e Rosani serão homenageados no Festival Psiu Poético

O 33º Festival de Arte Contemporânea Psiu Poético, que será realizado de 4 a 12 de outubro, prestará homenagem ao jornal *Linguagem Viva* pelos seus 30 anos de circulação ininterrupta. Rosani também será um dos poetas homenageados da 33ª edição do Festival.

O evento, que terá como tema *Psiu Cinema*, é promovido pelo Grupo de Literatura e Teatro Transa Poética, em parceria com a Prefeitura de Montes Claro-MG, Secretaria de Cultura, Centro Cultural Hermes de Paula, Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES e Fundação Cultural General Tourinho.

O Festival de Arte Contemporânea Psiu Poético, realizado desde 1987, é considerado o maior evento do gênero no país. Tem como objetivo celebrar a poesia, abrir espaço para os poetas ocuparem, conhecerem, discutirem, apresentarem a produção poética contemporânea para que possam se aproximar de um público amplo de estudantes, educadores, leitores e escritores.

A poesia, durante a programação, será levada a vários locais da cidade.

Em cada versão do projeto, seis poetas são homenageados, pelo que vêm contribuindo com a discussão e evolução da arte poética brasileira.



Mayol Sirc

Rosani no 30º Psiu Poético

Rosani Abou Adal, Olivia Ikeda, Luciana Martins, Jairo Fará, João Diniz e Paulo Henrique Souto serão os poetas homenageados da 33ª edição.

O Salão Psiu Poético foi idealizado pelo ator, poeta, compositor e agitador cultural Aroldo Pereira, em 1986.

O 33º Festival de Arte Contemporânea Psiu Poético será realizado de 4 a 12 de outubro, no Centro de Educação e Cultura Dr. Hermes de Paula - Biblioteca Pública Municipal Dr. Antônio Teixeira de Carvalho, Praça Dr. Chaves, 32, em Montes Claros (MG). www.psiupoetico.com.br

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 120,00
Semestral: R\$ 60,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil
Envio de comprovante, com endereço completo, para o email linguagemviva@linguagemviva.com.br
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255
Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760
Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

PAULO BOMFIM

Victor Emanuel Vilela Barbuy

Desfazendo-me em terra roxa, transformando-me em terra rubra, despencando nas corredeiras do meu Tietê, rolando manso nas águas santas do Paraíba, vivendo em pedra o meu destino nos contrafortes da Mantiqueira, salgando pranto, dor e alegria na areia branca de nossas praias, na marcha firme dos cafezais, nas lanças verdes do canavial, no tom neblina deste algodão, na prece de nossos templos, no calor da mocidade, na voz de nossas indústrias, na paz dos que adormeceram – eu te amo São Paulo!

Por isso, enquanto viver, por onde andar, levarei teu nome pulsando forte no coração, e quando esse coração parar bruscamente de bater, que eu retorne à terra donde vim, à terra que me formou, à terra onde meus mortos me esperam há séculos; por epítáfio, escrevam apenas sobre meu silêncio, minha primeira e eterna confissão: – EU TE AMO SÃO PAULO! – **Paulo Bomfim**

Com tais palavras, Paulo Bomfim, altíssimo bardo da Terra Paulista e Príncipe dos Poetas Brasileiros, fechou seu belíssimo livro de crônicas *Insólita Metrópole*, organizado por Ana Luiza Martins. E, com efeito, o magno vate bandeirante de *Armorial* e *Transfiguração*, cujo nobre coração paulistano, paulista e brasileiro parou de bater há dois dias e cujos restos mortais desceram ontem à terra onde seus mortos havia séculos o esperavam, levou sempre, até o fim, o nome de São Paulo pulsando forte em seu coração. A propósito, se São Paulo foi a comoção da vida de Mário de Andrade, muito mais ainda foi esta arlequinada e insólita Metrópole a comoção da vida de Paulo Bomfim, irmão em São Paulo e em Poesia do arlequim e menestrel da *Pauliceia desvairada*, o mesmo que um dia, durante a Revolução de 9 de Julho de 1932, que foi e será sempre uma das mais gloriosas páginas da Grande Epopeia Bandeirante, disse, brincando, que precisava do menino Paulo para levar de bicicleta correspondência para as trincheiras...

Como Álvares de Azevedo, Paulo Bomfim “foi poeta – sonhou – e amou na vida”, e entre seus amores se destaca, mais do que qualquer outro, o amor a São Paulo, às suas tradições, à

sua História e aos seus heróis. E o autor de *Ramo de ramos* e de *Sinfonia branca* se fez um poeta maior, aliás, cantando a Terra Bandeirante, sua História e Tradição e os grandes do Passado desta Terra de Gigantes, ponto e porto de partida das bandeiras-navegações dos argonautas excelsos da Magna Epopeia Paulista e Brasileira, que, pelos verdes mares do Sertão, dilataram a Fé e o Império.

Encarnação viva do São Paulo Profundo, Autêntico e Verdadeiro e arauto e bandeirante das tradições da Terra Paulista, vencedor do Cabo das Tormentas de si mesmo e navegante e conquistador dos sertões e mares da Poesia, Paulo Bomfim deixou anteontem, aos noventa e dois anos de idade, a vida terrena para – esperamos nós – viver na Pátria Celestial, junto de Deus, a verdadeira e eterna vida e, antes de partir, legou-nos uma obra em verso e prosa que se conta, sem favor algum, entre as maiores da Literatura Pátria, do Império da Língua Portuguesa, do Mundo Lusíada e – por que não dizê-lo? – de todo o Orbe Terrestre.

“Cantor das tradições cívicas de São Paulo de Piratininga e menestrel da velha e sempre nova Academia de Direito”, nas palavras de Pedro Paulo Filho, e “bardo das bandeiras, dos sonhos, dos mistérios mais profundos”, no dizer de Ives Gandra Martins, Paulo Bomfim era membro da Academia Paulista de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, onde teve eu a honra de ser seu confrade, e recebeu, em 1991, o título de Príncipe dos Poetas Brasileiros. Esse nobre e excelso vate da Terra Bandeirante e das epopeias que formam a sua Grande Epopeia, meu irmão em São Paulo, em Heraldo Barbuy e em Guilherme de Almeida, estreou nas letras em 1947, com o livro *Antônio triste*, que, prefaciado pelo sublime poeta de *Meu e de Raça* (Guilherme de Almeida) e ilustrado por Tarsila do Amaral, “debruçava sobre o rio da poesia, vindo de sua imemorial fonte”, na expressão de Francisco Luiz de Almeida Salles, e revelava já o grande bardo que seria o autor de obras primas da Poesia Universal como *Transfiguração* (1951), em que fez uma admirável incursão pelo soneto inglês nos roteiros de Vasco da Gama transpostos para a descoberta do mar secreto e das Índias interiores e *Armorial*, que é, em última análise, uma pequena-grande epopeia em sonetos e uma das mais belas epopeias já escritas no idioma de Camões e Fernando Pessoa.



Paulo Bomfim

Não posso concluir esta breve homenagem ao sempre inspirado e profundo menestrel da Pauliceia, ao magno poeta da Terra a que Gerardo Mello Mourão chamou o “País de São Paulo”, sem antes ressaltar que jamais me esquecerei do dia da aurora da minha vida em que ouvi pela primeira vez uma poesia inteira declamada e que não era senão o primeiro soneto de “*Armorial*”, na voz de meu pai:

Primeiro foi o mar, selva noturna
Com solidões de estrela da manhã:
Houve ramos de sal sobre saudades,
E folhas transparentes de lembrança.
Primeiro foi o mar, terra perdida
Na oscilação de vales e montanhas,
Houve marcos plantados em salsugem,
E fronteiras na espuma descoberta.
Primeiro foi o mar, o chão de espanto,
Sulcado pela quilha dos arados
Que o vento fecundou em noite escura...
Depois, houve caminhos e sementes:
O sonho despertou areias brancas,
E a treva amanheceu em madrugada.

Os versos deste magnífico soneto inaugural desta pequena-magna epopeia bandeirante, *Armorial* chamada, ficaram gravados na minha alma desde esse remoto dia em que os escutei pela vez primeira e com muito gosto eu vi anos depois alguns deles reproduzidos e admiravelmente parafraseados na monumental epopeia *Invenção do Mar*, de Gerardo Mello Mourão.

Seja esta a minha singela homenagem ao bardo bandeirante que, cantando sua Terra, suas tradições, sua História e os feitos gloriosos de seus ancestrais, fez-se grande entre os grandes do Universo da Poesia.

Victor Emanuel Vilela Barbuy é escritor, poeta, advogado e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão.

Sebo Brandão São Paulo

Novo Endereço para melhor atendê-lo:

Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandaosp@gmail.com -

Face: Sebo Brandão São Paulo - <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

OS TESOUROS DE GUERRA JUNQUEIRO

Rui Ribeiro

No cenário da literatura portuguesa, Guerra Junqueiro (1850- 1923) constitui uma das figuras mais polemizadas. Anticlerical, num país eminentemente católico, satírico, irreverente e opositor à monarquia, o poeta transmontano provocou contra si inflamadas reações. Por seus conceitos políticos e religiosos, teve a obra literária exaltada e contestada. Muitos negaram que concebesse poesia feita de poesia, caracterizando-o como mero versejador, embora lhe reconhecessem o domínio perfeito da técnica da metrificação.



Se o traço panfletário impregna páginas junqueirianas, como as de "A velhice do Padre Eterno" e "A morte de D. João", dois livros são suficientes para consagrar-lhe a grandeza poética: "Os Simples" e "Orações à luz". O título de "Os Simples" antecipa-lhe o conteúdo, todo voltado para a alma ingênua do aldeão luso. Protagonizam-no a moleirinha, o pastor, os pobrezinhos, a boeirinha, associados a elementos circunjacentes às suas vidas humildes, como são o castanheiro, as ermidas, as eiras ao luar. Nesse universo lírico, personagens e cenários se integram, as coisas possuem alma, exteriorizam sensações semelhan-

tes às das pessoas, participam das suas dores e alegrias. A exemplo de todas as outras obras do autor, a visão panteísta perpassa por esse conjunto de poemas inspirado no prefácio de "Aos Simples", que abre "A velhice do Padre Eterno". No aspecto temático precede à inflexão rural/miserabilista que marcaria o simbolismo em Portugal, contribuindo, no processo criativo, com metáforas e sons de raros efeitos, inclusive o emprego, por vezes, da sisnetisia característica da poesia simbolista. A imaginação visual do poeta atinge seu momento máximo, ora transpondo elementos do reino animal, mineral ou vegetal para o humano, em que a graça da boeirinha é comparada aos "cravos ao amanhecer, ora humanizando a natureza, como no poema "A moleirinha", onde os astros "... abrem diamantinos, como estremunhados querubins divinos, os olhos meigos para a ver passar ". E por tudo a profusão cromática de "túnicas brancas como as de noivado", "azul d'Agosto, serrarias "cor de fogo e de pó", "fusos de esmeralda, rocas de diamantes", "hálitos lílãs de violetas e d'opala, culminando com a retumbante imagem "Deus golpeia a aurora pra dar sangue às rosas, Deus ordenha a lua pra dar leite aos lírios."

Despidos de materialidade e já atingindo a plenitude da concepção evolucionista os versos de "Oração à Luz" percorrem todavia os mesmos vetores da criação lírica do poeta, com imagens extraídas das "vozes da natureza", das abstrações e dos sentimentos, como "oceanos de alvorada", "canção alada", "alma do sol", "beijo idealizado em flor".

Mas se a produção literária de Guerra Junqueiro se perpetuou nos livros que escreveu, o outro legado de sua sensibilidade artística somente poderá ser admirado na Casa-Museu que leva o seu nome, instalada na cidade do Porto/Portugal. Porque na mesma intensidade com que semeou versos e dardejou sátiras, o poeta ameahou ao longo da vida um apreciável tesouro em obras de arte e objetos antigos. O amigo Lopes D'Oliveira, teve contato com esse formidável

acervo numa visita que fez ao poeta em 1903, quando este residia na Vila do Conde. Espalhados em vastos aposentos, avultavam coleções de cerâmica, contadores, armários, arcas e mesas de origem gótica, hispano-árabe e renascentista, esculturas em madeira, metal, mármore e jaspe, imagens de Cristo, crucifixos, estatuetas e uma galeria de quadros a óleos de antigos mestres, como Goya, Van-Eych e Sequeira. Entre eles, uma pintura que seria de El-Greco e teria sido comprada por uma ninharia a um sapateiro em Sevilha. A tela mostrava uma pedra tumular levantada, e, por cima um anjo radiante, um arcanjo resplendente de luz astral. "Julgar-se-ia que se empoeirara todo, ao descer à terra, do fulgor das constelações; fundidas de oiro solar, esmaltadas do azul alvorescente da Vênus matutina, estremeciam suas asas, ansiantes de voo..."

Após o falecimento do poeta a preciosa coleção foi doada à municipalidade por sua viúva e pela filha, juntamente com o imóvel no qual se instalou o Museu. O prédio se localiza na pacata rua D. Hugo, atrás da Catedral da Sé. Estima-se que tenha sido construído entre 1730 e 1746 e se compõe de quatro pavimentos. Faz-lhe frente um pátio no qual avulta uma estátua do poeta em postura meditativa, com longas vestes e as barbas apostólicas com que aparece na maior parte das fotos estampadas em seus livros. Situando-a ao ar livre homenageou-se a memória de Guerra Junqueiro, que sempre preferiu o contato direto com a natu-



Guerra Junqueiro

reza para a contemplação filosófica e composição de seus poemas, concebidos mentalmente e decorados antes de transpostos para o papel.

O espaço cultural foi inaugurado em 1942 e sofreu várias intervenções até a realizada em 2017, que requalificou o ambiente. Abriga as relíquias descritas por Lopes D'Oliveira, ou parcela expressiva delas, visto que, segundo consta, Guerra Junqueiro costumava se desfazer de algumas e adquirir outras com frequência.

Num palacete fronteiro de porte nobre funciona, a partir de 2000, exposição que complementa o Museu. Leva o nome de Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro/Luiz Mesquita de Carvalho (filha e genro do poeta). Seu recinto abriga

ESQUINA CULTURAL

Compra e Venda de Livros, LP's, CD's, DVD's, Revistas e Quadrinhos.

Livros didáticos de todas as áreas

redemegaleitores@gmail.com - www.megaleitores.com.br
Loja: Rua Quintino Bocaiúva, 309 - Sé - Tel.: (11) 3105-6714



Biblioteca da Casa-Museu Guerra Junqueiro

faianças portuguesas dos séculos XVII e XVIII, louças, mobiliários antigos de épocas diversas, fotos da família e de amigos ilustres. Uma das salas ostenta galeria de telas remanescentes de um grupo maior, porquanto muitas foram vendidas por Guerra Junqueiro, inclusive para outros países (dois quadros estão no Museu de Belas Artes de Budapeste/Hungria – um deles provavelmente o descrito por Lopes D'Oliveira). Em recriações de recantos sagrados para um homem de letras estão a mesa de trabalho, a biblioteca com cerca de

tão a merecer registro mais amplo através de biografia que, ao que parece, ainda não foi escrita. O exame de manuscritos, documentos inéditos e correspondência que deixou poderão conduzir a revelações importantes para melhor conhecimento de sua atuação nos múltiplos ramos de atividades a que se dedicou. Quem sabe dissipará a dúvida sobre sua propalada ascendência judaica e balizará a real dimensão de seu apostolado iconoclasta ressumante de venenos. Porque a imagem do autor



3.500 volumes e exemplares dos livros que publicou.

Se a obra poética de Guerra Junqueiro foi exaustivamente estudada, aspectos marcantes de sua existência inquieta e produtiva es-



satírico e do orador político contraria o poeta lírico que, sem professar nenhuma religião, transmite, como poucos sentimentos de profunda religiosidade.

Rui Ribeiro é escritor e crítico literário.

Ninguém está livre Kyries Noturnos

Alcides Buss

Se o corpo com que andas
te deixar na mão
– já pensou!

O sapato no pé errado
e não te dás por isto

Um fio de cabelo
te pode levar à prisão

Se ganhasses na loteria
Se acordasses num dia
distante da infância
Se fosses capaz de escrever
o mais lindo poema de amor

Se pudesses teus erros desfazer
Se sonhar te servisse de escudo
– já pensou!

Alcides Buss é professor universitário aposentado. Exerceu o cargo de diretor da Editora da UFSC, de presidente da Associação Brasileira das Editoras Universitárias e da União Brasileira de Escritores de Santa Catarina.

Rio

Ivana Maria França de Negri

Rio doce e piscoso
Singrando as fimbrias da rocha
Desce silencioso

Ivana Maria França de Negri é poeta e membro da Academia Piracicabana de Letras, do Grupo Literário de Piracicaba e do Centro Literário de Piracicaba.

Rosani Abou Adal

Solidão noite adentro,
nada acalenta o sono.
A embriaguês da alma,
alquimia do corpo.
Segredos não desvendáveis
em silêncio e pausa.
Essências florais
entre os dedos
despertam o corpo dos medos
e das fugas solitárias,
acordam a multidão púrpura
dormente no deserto côncavo.
Êxtases em si bemol
na escala de dó maior
fragmentam compassos,
alforam nêumas,
desvendam kyries.

Os sons da floresta vibram
seivas lubrificantes,
codificam o toque de Narciso,
as múltiplas formas de existir,
de ser o que nunca foi.
Descobrir segredos e mistérios
ocultos na selva.

Infinitos tons da Rosa do Cairo
acolhem o corpo em síncope.
Orgasmos em transe,
Morfeu acolhe Narciso.
Sonhos despertam
no amanhecer.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista, publicitária, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo. www.poetarosani.com.br

Livraria Sebo Liberdade



**Livros didáticos
e universitários
CD's - DVD's**

www.seboliberdade.com.br - sebo.liberdade@gmail.com

Pça Carlos Gomes, 124 - metrô Liberdade
Tels.: (11) 3242-2181 - 3115-1579

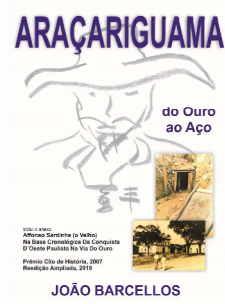
BRASIL entre o ouro de Affonso Sardinha (o Velho) e o vinho de Vaz-Guassu

Helena Novaes

“Tratar a história de Araçariguama e de São Roque é tratar do Brasil na sua essência geo-histórica, do ouro ao vinho.” João Barcellos

As diversas pesquisas históricas acerca do Brasil, e a maioria delas tendo foco nas vilas e cidades oriundas das aldeias dos povos nativos, ou de arraiais de mineração aurífera e ferrífera, transformaram João Barcellos na principal referência para estudos luso-brasileiros entre os séculos 20 e 21.

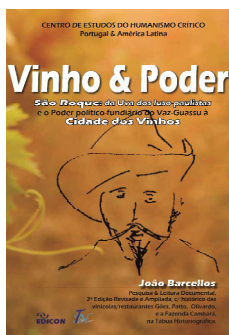
Com mais pesquisas, o apoio do Centro de Estudos do Humanismo Crítico (Portugal) e a chancela editorial da Edicon, em parceria com o Grupo de Estudos Noética (Brasil e América Latina), João Barcellos acaba de publicar as segundas edições ampliadas das histórias de Araçariguama (‘do Ouro ao Aço: a história da mina de ouro de Affonso Sardinha, o Velho’) e São Roque (‘Vinho & Poder: a história da vila do Vaz-Guassu’), esta última com uma notável tábuca historiográfica a justificar o título ‘cidade do vinho’.



“Tratar a história de Araçariguama e de São Roque é tratar do Brasil na sua essência geo-histórica, do ouro ao vinho”, disse o autor em recente entrevista para a revista ‘En Vivo y Arte’ (Barcelona, 2019). Desde a foz do Ryo Siará (Fortaleza) à Guanabara passando por Sam Paulo dos Campi de Piratininga e todo o território da Capitania vicentina até chegar na formidável mameluca Suzana Dias (fundadora de Sant’ Anna de Parnahyba) e na (re)descoberta dos atos políticos e minerários de Affonso Sardinha (o Velho), além do pioneirismo judeo-ibérico do bacharel de Cananea, ele percorreu uma estrada de 20 anos a garimpar a história e enterrando a estória oficial.

Os últimos livros (‘Pão Vermelho, ou, Fortaleza, 1342’; ‘Araçariguama’ e ‘São Roque’) demonstram a ‘luz’ que o Prof. Soares Amora percebeu em João Barcellos. A verdade é que entre o ouro e o vinho conta-se a história de uma colonização que gerou o Brasil. || Helena Novaes _ Buenos Aires, 2019.

Helena Novaes é jornalista.



Concursos

Concurso Literário Livraria Asabeça & Bignardi Papéis 2019, promovido pela Livraria Asabeça, em parceria institucional com a Bignardi Papéis, com apoio da Canon do Brasil, está com inscrições abertas para a categoria Poesia, até o dia 30 de setembro, com tema livre.



Os interessados poderão inscrever apenas um poema inédito, com título, em língua portuguesa, através de formulário específico disponível em www.scorteccei.com.br.

Premiação: A publicação das 50 poesias selecionadas na antologia ASABEÇA - CABEÇA QUE VOA. Os autores receberão cinco exemplares da obra. Informações com Eliaquim: eliaquim@scorteccei.com.br - Tel.: (11) 3032-1179.

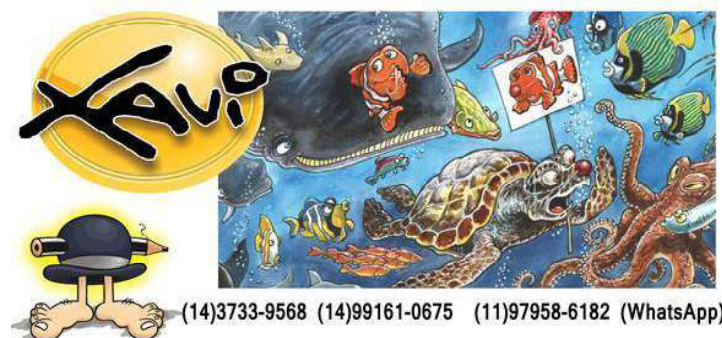
12º Concurso de Haicai “Prêmio Masuda Goga, promovido pelo Grêmio Haicai Ipê, está com inscrições abertas até o dia 16 de agosto para as categorias Infantojuvenil (idade igual ou inferior a 15 anos) e Adulto a partir de 16 anos.

Os interessados poderão inscrever até três haicais inéditos, em língua portuguesa, digitados em papel A4, com os dados no rodapé (nome, categoria, email, telefone e endereço). O tema é “coruja”. Valem também as designações regionais, tais como caburé, caburé-do-campo, coruja-preta, coruja buraqueira, mocho, etc. Uma destas palavras deve constar, obrigatoriamente, em um dos versos do haicai.

Os haicais classificados até o 5º lugar, em cada uma das categorias, receberão um certificado. Os trabalhos deverão ser enviados para o Grêmio Haicai Ipê - Concurso Masuda Goga - A/C Teruko Oda - Rua Vergueiro, 819 - sala 2 - São Paulo- SP -01504-001. Regulamento: www.kakinet.com/concurso Grêmio Haicai Ipê: www.kakinet.com/ipe Informações: terukooda@gmail.com

A 12ª edição do Prêmio São Paulo de Literatura terá apenas as categorias de Melhor Romance de Ficção do Ano de 2018 e Melhor Romance de Ficção de Estreia do Ano de 2018, com premiação de R\$ 200 mil para cada categoria. Os interessados poderão enviar obras, escritas originalmente em português, com primeira edição e impressão no Brasil em 2018 e com ISBN, até 15 de agosto. O edital está disponível em <https://premiosapaulodeliteratura.org.br/>

O Prêmio SESC de Literatura agradeceu na categoria Conto, João Gabriel Paulsen, de Minas Gerais, com *O doce e o amargo*; e, na categoria Romance, Felipe Holloway, de Mato Grosso, com *O legado de nossa miséria*. A avaliação final foi de Ana Miranda, Tércia Montenegro, Verônica Stigger e Júlian Fúks. As obras dos vencedores serão publicadas e distribuídas pela Editora Record.



(14)3733-9568 (14)99161-0675 (11)97958-6182 (WhatsApp)

www.xavierdelimal.wixsite.com/xavi

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão -
Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - Cel.: 97382-6294
soninhaabou@gmail.com

Colar Guilherme de Almeida

A solenidade de entrega do Colar Guilherme de Almeida foi realizada no dia 28 de junho, na Câmara Municipal de São Paulo.

Receberam a láurea o poeta e escritor Álvaro Alves de Faria, o historiador Armando Alexandre dos Santos, a Fundação Padre Anchieta, o fotógrafo German Lorca, o Desembargador e acadêmico José Renato Nalini, o Cardeal Odilo Pedro Scherer - Arcebispo de São Paulo -, o diretor da Associação Comercial de São Paulo Pedro Paulo Penna Trindade, o radialista Salomão Éesper e o jornalista e musicólogo Zuza Homem de Melo.



Armando Alexandre dos Santos, Ignácio de Loyola Brandão e o casal Ercília e Zuza Homem de Melo.

de Memória Eleitoral do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo.

O prêmio, instituído em 2016, por iniciativa do Vereador José Reis - primeiro secretário da Mesa Diretora da Câmara Municipal e um dos autores da homenagem -, tem como objetivo agradecer pessoas físicas ou jurídicas que colaboram com a preservação e divulgação da história da cidade de São Paulo, com o enriquecimento da literatura, cinema, teatro, música, artes plásticas, entre outras atividades culturais.

A comissão que indica nomes para serem agraciados com a referida honraria é formada por representantes do Museu Casa Guilherme de Almeida, Sociedade de Veteranos de 32, Academia Paulista de História, Academia Paulista de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Centro

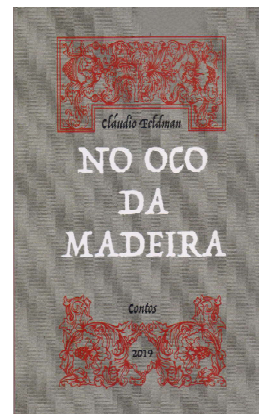
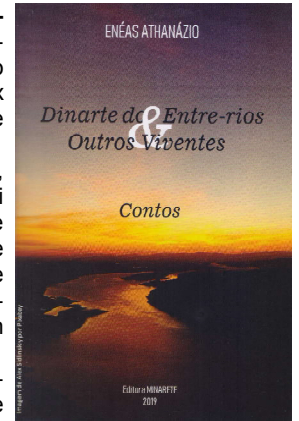
Livros

Dinarte do Entre-rios & Outros Videntes, contos, de Enéas Athanázio, Editora Minarete, 102 páginas, 2019, Balneário de Camboriú (SC). A foto da capa é de Alex Sidlinskiy Pixabay. A capa é de Jean Pierre Valim.

Enéas Athanázio, escritor, contista, novelista, ensaísta, cronista e advogado, foi um dos fundadores e o primeiro presidente do Conselho Municipal de Cultura de Blumenau. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Foi delegado da União Brasileira de Escritores em Santa Catarina.

Segundo Zelinda Nunes Lins, professora universitária e escritora, "No ambiente serrano, o escritor Enéas Athanázio é insuperável. Há poesia nos seus cenários e sabedoria emotiva nos personagens."

Enéas Athanázio: e.atha@terra.com.br



No Oco da Madeira, contos, de Cláudio Feldman, Editora Taturana, São Paulo, 76 páginas ilustradas.

ISBN: 978-85922572-2-4.

A capa, projeto gráfico e editoração são de Ideografia - Ilustrações & projetos gráficos.

Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua & Literatura, poeta, escritor, romancista, cronista, ator, roteirista, teatrólogo, artista plástico, jornalista, editor e autor de literatura infantil. Tem 56 livros publicados. Editou o jornal alternativo *A Taturana*, em Santo André, entre 1979 e 1993.

A obra reúne quatorze contos que oscilam entre o fantástico e o incomum, envolvendo o leitor num clima de estranheza.

Cláudio Feldman: claudiofeldman@uol.com.br

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS



Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA
Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS
Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.
2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

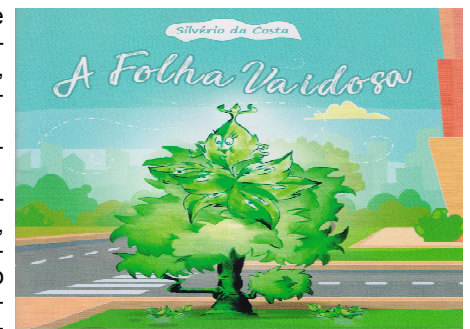
A Folha Vaidosa, de Silvério da Costa, literatura infantil, Prefixo Editorial, Chapecó (SC), 26 páginas.

ISBN: 978-85-98377-54-4.

O autor, escritor, poeta, autor de livros infantis, exerceu o cargo de presidente da Associação Chapecoense de Escritores, de presidente do Conselho Municipal de Cultura de Chapecó e de vice-presidente da seção de Santa Catarina da União Brasileira de Escritores.

A obra contou com o patrocínio de Almasty Hotel, Aurora, Dom Bosco by Pearson, Ruy N. Baldisera, Ripke Advocacia, Inviolável Segurança e Monitoramento, Alfa, Estonhotel, A Caçulinha, NostraCasa e de Confortin Distribuidor.

Silvério da Costa: Caixa Postal 262 - Cahpecó - SC - 89801-973.





Paulo Bomfim e Rosani Abou Adal

Paulo Bomfim, poeta, cronista e jornalista, faleceu no dia 7 de julho, em São Paulo. Nasceu em 30 de setembro de 1926 na Capital paulista. O Príncipe dos Poetas foi membro da Academia Paulista de Letras e Assessor da Presidência do Tribunal de Justiça de São Paulo. Foi curador da Fundação Padre Anchieta e presidente do Conselho Estadual de Cultura de São Paulo e do Conselho Estadual de Honrarias e Mérito. Colaborou no *Correio Paulistano*, *Diário de São Paulo*, *Diário de Notícias* do Rio e no *Linguagem Viva*. Foi diretor de Relações Públicas da Fundação Cásper Líbero e fundador, com Clóvis Graciano, da Galeria Atrium. Produziu o programa "Universidade na TV" com Heraldo Barbuy e Oswald de Andrade Filho, no Canal 2. O livro de estreia *Antônio Triste* (poemas, 1946, ilustrado por Tarsila do Amaral), foi agraciado com o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras. Autor de 37 livros de poesias, crônicas e memórias. Suas obras foram traduzidas para o alemão, francês, inglês, italiano e castelhano. Eleito em 1981 Intelectual do Ano pela União Brasileira de Escritores. Laureado com o Prêmio da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro por seus 50 anos de Poesia. Foi agraciado com o Prêmio Literário Fundação Bunge pelo conjunto de obras e com o Colar do Mérito Judiciário pelo Tribunal de Justiça de São Paulo. O Governo do Estado de São Paulo criou em 2004 o Prêmio Paulo Bomfim de Poesia.

O Painele Permanente de Poesia Juca Silva Neto, localizado na Biblioteca Pública de Montes Claros, no Centro Cultural Hermes de Paula, abrigou exposição dos poemas do escritor montes-clarense Jaques Dias.

Rosana Rios, escritora e arte-educadora, foi eleita presidente da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil.

Rostand Carneiro Leão Paraíso, médico cardiologista e escritor, faleceu no dia 10 de julho, aos 89 anos, em Recife (PE). Nasceu em 26 de fevereiro de 1930, em Recife (PE). Exerceu o cargo de presidente do British Country Club do Recife. Foi membro da Academia Pernambucana de Letras e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. Autor de *A Magia Dos Quadrinhos*, *MAIS*, entre outras obras.

O Ônibus-Biblioteca, com acervo de cerca de 4500 volumes, do projeto Curto Ler, da Distribuidora Leart e Editora Kelps, foi incendiado no dia 19 de junho em Goiânia (GO). O veículo estava estacionado desde o término do patrocínio do Fundo Estadual de Cultura.

Notícias

Alberto Gattoni, escritor, publicitário e poeta, faleceu no dia 10 de julho em São Paulo. Nasceu em 23 de junho de 1940, em Petrópolis (RJ). Autor de *Verso Anverso* em parceria com o poeta Carlos Moura. Exerceu o cargo de consultor consultivo da Prefeitura de São Paulo. Coordenador e organizador do Sarau do Gato realizado, no Café dos Artistas, no Centro Cultural Olido, em São Paulo.

A XIX Bienal Internacional do Livro do Rio, que será realizada de 30 de agosto a 8 de setembro, no Riocentro, disponibiliza a venda de ingressos antecipados ao preço de R\$ 30 e R\$ 15 (meia entrada). As escolas públicas e privadas também poderão realizar a inscrição da visitação escolar. www.bienaldolivro.com.br

A Universidade Federal de São Carlos realizará o Encontro de Ensino de Leitura e Escrita no dia 10 de agosto, sábado, das 9 às 17 horas, no Teatro Universitário Florestan Fernandes e no edifício de aulas teóricas AT4, na área Norte do Campus São Carlos da UFSCar. O evento, com o tema Desafios contemporâneos para o ensino da leitura e da escrita, será coordenado por Heloisa Chalmers Sista e Maria Iolanda Monteiro. Inscrições de ouvintes até 7 de agosto. www.iiieele.faiufscar.com

Gonçalo M. Tavares, escritor português, foi agraciado com o Prêmio Belas Artes de Tradução Literária Margarita Michelena 2019 com a edição mexicana de *Uma menina está perdida no seu século a procura de seu pai*.

Elisa Lucinda lançou, pela Editora Malê, *Livro do avesso: o pensamento de Edite*.

A Editora Olho D'Água, dirigida por Jorge Claudio Ribeiro, encerrou as atividades. Ficou em funcionamento durante 28 anos.

Vinício Carrilho Martinez, docente do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos, lançou *Ditadura Inconstitucional - série Teorias do Estado* pela Editora CRV. A obra, resultado de pesquisa de pós-doutorado em Ciência Política desenvolvida pelo autor, é o primeiro volume da série Teorias do Estado que abrigará os títulos *Ditadura Inconstitucional*, *Carta Política* e *Transmutação Constitucional*. www.editoracriv.com.br

A Fundação Nacional de Artes lançou o livro *Poemas de Portinari*, em nova edição ilustrada, em comemoração aos 40 anos do Projeto Portinari. A obra, lançada em primeira edição pela José Olympio Editora, abriga poemas do pintor Candido Portinari.

Nélica Piñon, membro da Academia Brasileira de Letras, lançou *Uma furtiva lágrima* pela Editora Record.

A Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançou os Selos Comemorativos dos 180 anos do nascimento de Machado de Assis e dos 170 anos do nascimento de Rui Barbosa, em comemoração aos 122 anos de fundação da Academia Brasileira de Letras, no dia 18 de julho, em solenidade no Salão Nobre do Petit Trianon.



Sonia Sales

Sonia Sales foi agraciada com as Comendas Imperador Philippikos III Barbanes, pela sua contribuição à cultura Brasileira, e com a de Grau, Honra e Posição de Comendadora das Letras, instituídas pelo Conselho Internacional dos Acadêmicos de Ciências, Letras e Artes, entidade acadêmica signatária do Pacto Global da ONU sob o número 74.151.

A Fundação Calouste Gulbenkian, sediada em Lisboa, Portugal, foi agraciada com a Medalha Machado de Assis de 2019 da Academia Brasileira de Letras. A entidade foi criada, em 1956, por testamento do filantropo Calouste Sarkis Gulbenkian.

A Imprensa Oficial lançou a obra *Paulo Francis: polemista profissional*, de Paulo Eduardo Nogueira.

A Editora Unesp lançou, após 20 anos da publicação da primeira edição, *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, de autoria do ativista pelos direitos LGBT James Green.

Academia de Letras de Mariana, em parceria com a Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil - MG, promoveram a palestra O Ex-Libris no Brasil: a arte esquecida que foi proferida por Andrea Donadon Leal e José Luiz Foureaux de Souza Júnior.

Ensaio filosófico, livro de Adam Smith, organizado por Alexandre Amaral Rodrigues e Pedro Fernandes Galé, com tradução de Alexandre Amaral Rodrigues, Pedro Fernandes Galé e Pedro Paulo Pimenta, foi lançado pela Editora UNESP.

João Scortecci lançará *Dos Cheiros de Tudo - Memórias do Olfato* no dia 10 de agosto, sábado, das 17h30 às 20h30, no Espaço Scortecci, Rua Deputado Lacerda Franco, 96, em São Paulo. O lançamento será realizado durante o evento comemorativo dos 37 anos da Scortecci Editora e a incrível marca de 10 mil títulos lançados em primeira edição.

A Fundação Nacional de Artes lançou *Dramaturgia Negra* que reúne 16 textos teatrais escritos por dramaturgos negros.

Travessias - Padres Europeus no Brasil (1959-1990), livro do historiador e professor Antônio Torres Montenegro, lançado pela Companhia Editora de Pernambuco no 30º Simpósio Nacional de História, é um resgate da história de padres europeus perseguidos pela ditadura militar no Brasil.